

Veja

18/6/1986

O bóia-fria que virou latifundiário

Em 1949, o mineiro Geraldo Ribeiro de Souza era um bóia-fria nas colheitas de algodão e amendoim das lavouras de Presidente Prudente, em São Paulo. Alimentava-se mal, dormia ao relento, trabalhava 12 horas por dia e ganhava 90 cruzeiros velhos por mês — o equivalente a um quarto do salário mínimo da época. Hoje, aos 54 anos, Ribeiro é proprietário de quatro fazendas espalhadas pelo Brasil— uma delas, no Pará, tem 11 000 hectares —, tornou-se um premiado criador de gado Nelore selecionado, possui reprodutores que valem 1 milhão de cruzados e seus cavalos Quarto de Milha estão entre os melhores do país. Analfabeto até os 24 anos de idade, já mandou os cinco filhos estudarem na Europa e nos Estados Unidos. "Trabalhei como um cavalo, sofri privações, mas cheguei lá."

Nessa empreitada, Ribeiro contou com sua disposição para o trabalho e a ajuda de um padrinho — o fazendeiro Reinaldo Marangoni, que em 1954 o contratou para ser capataz de sua fazenda. A partir daí, mantendo um padrão de vida marcado pela penúria, Ribeiro aprendeu a fazer economia e a investir em seus próprios negócios. Se dois anos mais tarde já juntara dinheiro para comprar oito garrotes, em seguida tornou-se proprietário de 100 cabeças de gado, até que, em 1960, comprou 363 hectares de terra — menor que a quadragésima parte do que possui hoje. No meio do caminho, Ribeiro ainda aprendeu a ler e a escrever, ensinado por sua mulher, dona Dionizia, agora responsável pela gorda contabilidade do marido. "Ele é incansável", diz a mulher.

Simpatizante da UDR, que já recebeu sua ajuda num leilão, Ribeiro despreza os políticos em geral. "Essas velhas raposas que só prometem e não fazem nada", reclama. Eleitor do PDS nas eleições passadas, agora tem seu voto reservado para o empresário Antonio Ermírio de Moraes no final deste ano. Apesar de sua conta bancária, suas viagens ao exterior se limitam às fronteiras do Paraguai, onde pretende abrir outra fazenda. Com um boné, onde mandou imprimir suas iniciais, sempre enterrado na cabeça, Ribeiro se diz a favor da reforma agrária, desde que seja implantada longe de suas terras. "Os meus índices de produtividade estão acima da média exigida pelo INCRA e não acredito que a reforma chegue aqui. Seria tirar de um para dar ao outro", resume.

(Página 43)